



Afro-Ásia

ISSN: 0002-0591

revista.afroasia@gmail.com

Universidade Federal da Bahia

Brasil

Florentino, Manolo; Machado, Cacilda

Famílias e mercado: tipologias parentais de acordo ao grau de afastamento do mercado de cativos  
(Século XIX)

Afro-Ásia, núm. 24, 2000, pp. 51-70

Universidade Federal da Bahia

Bahía, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=77002402>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

**FAMÍLIAS E MERCADO:  
TIPOLOGIAS PARENTAIS DE ACORDO AO GRAU  
DE AFASTAMENTO DO MERCADO DE CATIVOS  
(SÉCULO XIX)**

***Manolo Florentino\**  
*Cacilda Machado\*\****

**N**este artigo buscou-se reconstituir a população escrava de três grandes plantéis rurais, visando indicar algumas das possíveis configurações dos padrões de organização familiar de acordo ao grau de afastamento das fazendas em relação ao mercado de cativos. Do ponto de vista metodológico, optou-se pela adoção de estudos de casos, na firme convicção de que a redução da escala da observação e a atenção ao singular poderão revelar aspectos nem sempre capturáveis em estudos de caráter macro ou com dados agregados.<sup>1</sup> Priorizou-se a utilização de listagens de escravos constantes de inventários *post-mortem* escolhidos em função de sua grande acuidade no que tange a informações de natureza demográfica, complementados, sempre que possível, por registros eclesiásticos (batismos, matrimônios e listagens de escravos pertencentes à Igreja católica), oficiais e privados.

O primeiro plantel pertencia a um digno representante da aristocracia cafeeira do oeste paulista da segunda metade do século XIX. Trata-se do comendador Manoel de Aguiar Vallim, proprietário da Fazen-

\* Professor adjunto do Departamento de História da UFRJ.

\*\* Professora assistente da Escola de Serviço Social da UFRJ.

<sup>1</sup> Cf. Giovanni Levi, "Sobre a micro-história", in Peter Burke (org.), *A escrita da História* (São Paulo, UNESP, 1992), p.139.

da Resgate, em Bananal, um dos maiores fazendeiros da província de São Paulo na fase áurea do café, e poderoso chefe político local do partido conservador. Seu plantel foi aqui reconstituído a partir da matrícula de 1872, quando registrou a posse de 436 cativos na Resgate. Ao falecer, em 1878, em seu inventário foi computada a posse de 600 escravos, cifra que também incluía cativos de outras fazendas de sua propriedade.

O segundo é o do Visconde Pascoal Cosme dos Reis, proprietário do Engenho Novo da Pavuna, na hinterlândia da cidade do Rio de Janeiro, numa época em que a província era a maior área produtora de café e a sua capital o principal centro comercial do país. Sua propriedade, porém, dedicava-se à plantação de cana-de-açúcar, e estava localizada na freguesia de Jacarepaguá. A reconstituição de seu plantel de escravos foi efetuada a partir de inventário *post-mortem* aberto em 1850 e fechado em 1852, e por registros de batismos e matrimônios de seus cativos, além de uma listagem de óbitos que abrange o período 1842-1852.

O terceiro plantel escolhido estava constituído em uma fazenda produtora de cacau, na Venezuela. A Fazenda Chuao, localizada em uma região precocemente incorporada ao mercado regional e internacional, foi formada nas primeiras décadas do século XVII, pelo casal Pedro de Liendo e Catalina Mexías da Abila.<sup>2</sup> No início do século XVIII a propriedade foi incorporada à Igreja, mediante o vínculo estabelecido de Obra Pia. Em 1825 o café começou a substituir o cacau como principal produto do estabelecimento, e mais tarde a propriedade foi incorporada ao patrimônio da Universidade de Caracas, por decreto de Simon Bolívar. O seu plantel foi aqui reconstituído a partir de um inventário de 1808, quando a fazenda possuía 300 escravos, que viviam em 62 senzalas (*bohíos*).

## A configuração demográfica da escravaria e afastamento do mercado

Quando da vigência do tráfico atlântico de africanos para as Américas, a reposição da mão-de-obra das fazendas de açúcar, café e cacau se

<sup>2</sup> Federico Brito Figueroa, *El Problema Tierra y Esclavos en la Historia de Venezuela*, Caracas, Universidad Central de Venezuela, 1996, pp. 101-102, 106-109 e 119-128.

fazia, no fundamental, através de compras, com os plantéis se constituindo majoritariamente por escravos do sexo masculino, numa proporção de dois homens para cada mulher. O número de meninos e meninas entre 0 e 14 anos de idade apresentava relativo equilíbrio, com ligeira predominância para os do sexo masculino. Havia dois adultos para cada mulher entre 15 e 40 anos de idade, a mesma proporção encontrada entre os escravos com idades superiores a esta.

Em seu conjunto, ainda quando da vigência do tráfico de africanos, os cativos tendiam a apresentar altos percentuais de pessoas entre 15 e 40 anos de idade (mais ou menos 60%), com crianças e escravos de mais de 40 anos constituindo, respectivamente, 25% e 15% da escravaria, em média. Por conseguinte, eram baixíssimas as razões de dependência, e cada grupo de 100 escravos aptos a trabalhar alimentava quase 30 cativos de mais de 64 anos e entre 0 e 10 anos de idade. A idade média dos cativos era alta (por volta de 28 anos), obviamente à custa do mercado.

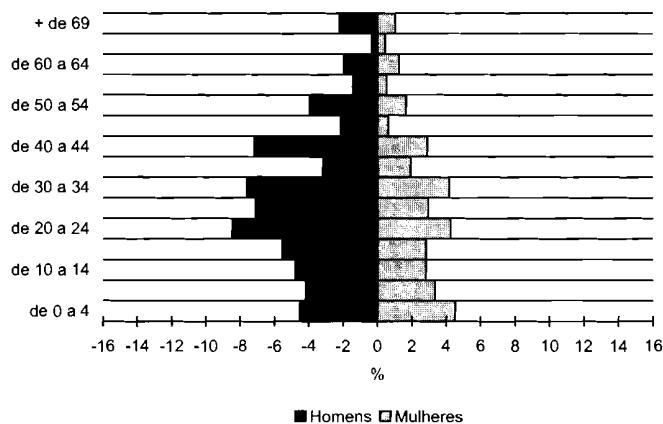
Nenhum destes índices deve surpreender-nos, pois os homens eram considerados mais adequados ao desempenho das tarefas próprias das grandes propriedades, e os escravos deveriam estar imediatamente aptos à integração no processo produtivo. Não é gratuito que, no caso do agro fluminense entre 1810 e 1830, os escravos boçais (i.e., africanos recém adquiridos) tivessem em média 24 anos de idade.<sup>3</sup> O Gráfico 1, montado a partir de dados referentes a 1557 escravos que viviam em 25 fazendas fluminenses de mais de 50 escravos entre 1810 e 1830, época de intensos desembarques de africanos no porto carioca, tipifica esta configuração.<sup>4</sup>

Alguns efeitos desta lógica: enquanto houvesse uma abundante oferta de cativos no mercado, a escravidão tenderia a reger-se por um altíssimo desperdício de mão-de-obra, derivado das dificuldades de procriação dos trabalhadores (em função do desequilíbrio etário-sexual), e do incremento das taxas de mortalidade devido às duras jornadas de

<sup>3</sup> Arquivo Nacional (AN), Rio de Janeiro, Inventários *Post-Mortem*, 1789-1835.

<sup>4</sup> Cf. Inventários *Post-Mortem*, 1789-1835. Cf. tb. Manolo Florentino, *Em Costas Negras: Uma História do Tráfico de Escravos entre a África e o Rio de Janeiro*, Cia. das Letras, São Paulo, 1997, p. 76.

**Gráfico 1: Estrutura Sexo-Etária (%) dos Escravos das Fazendas de mais de 50 Escravos do Agro Fluminense entre 1810 e 1830**



Fontes: Inventários *post-mortem*, 1789-1835 (Arquivo Nacional, Rio de Janeiro).

trabalho. Haveria uma grande mortalidade dos recém-nascidos e infantes que, por não possuírem grande valor econômico (ao invés, representavam custos de manutenção), seriam negligenciados pela lógica dos senhores — poucos chegavam à idade produtiva e sexualmente fértil. Neste contexto, as famílias escravas seriam meros resíduos da interação entre os escravos, com graus ínfimos de estabilidade.<sup>5</sup>

Porém, ainda que o escravismo no Brasil tenha se mantido basicamente por meio do tráfico negreiro, cada plantel teve uma história particular no que respeita a entrada de cativos. Dessa forma, e já que o plantel era, por excelência, o ambiente de inter-relação social do escravo, em especial do escravo da *plantation*, há que se relativizar a idéia de que a família escrava, genericamente, era residual e instável. Pode-se imaginar que a inserção do escravo em redes de parentesco estáveis variava de acordo à sua própria história (idade, origem) e à história do plantel ao qual pertencia.

<sup>5</sup> Jacob Gorender, *O Escravismo Colonial*, São Paulo, Ática, 1978, pp. 321-323. Cf. tb. Celso Furtado, *Formação Econômica do Brasil*, São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1977, passim; Robert Conrad, *Os Últimos Anos da Escravatura no Brasil*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978, p. 22. A crítica a este ponto de vista acerca da família escrava pode ser conferida em Manolo Florentino e José Roberto Góes, *A Paz das Senzalas*, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1997, p. 45.

Tendo em vista tal parâmetro, é possível supor que um plantel plenamente inserido no mercado fosse o ambiente com os mais altos graus de desenraizamento da escravaria — já que formado basicamente por africanos jovens do sexo masculino —, e que o contrário ocorresse em um plantel a longo tempo afastado do mercado de cativos — em tese majoritariamente composto por escravos crioulos, com maior equilíbrio dos sexos, e com índices superiores de crianças e idosos.

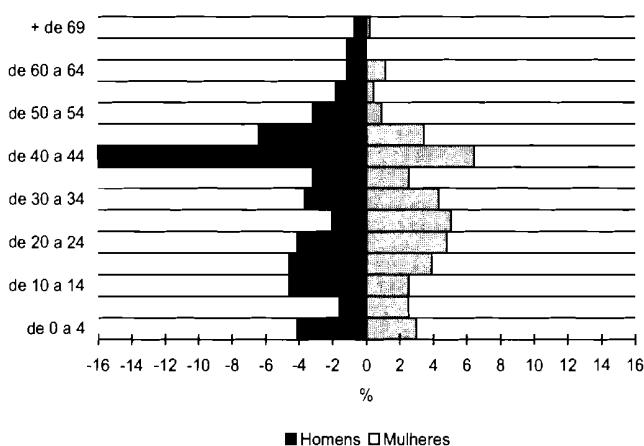
Os dados referentes aos casos em estudo neste artigo, resumidos nos Gráficos 2, 3 e 4, permitem definir diferentes tempos de afastamento do mercado das três fazendas mencionadas. E, mais importante, a comparação das estruturas sexo-etàrias de seus plantéis facilita visualizar cada passo desse processo, visando, posteriormente, apontar para as consequências desse afastamento.

### **Após cerca de 10 anos de abandono do mercado**

A pirâmide sexo-etària da escravaria da Fazenda Resgate apresentava, em 1872, elevada taxa geral de masculinidade: 59% dos seus 436 cativos eram homens, índice bem de acordo à lógica de um plantel profundamente inserido no mercado, no caso, nesta época, o interprovincial de escravos. Mas as similitudes terminam aí, pois na Resgate as taxas de masculinidade, particularmente altas para as faixas etárias superiores a 40 anos, eram cada vez menores para as faixas inferiores a esta. Em algumas delas, inclusive, detecta-se o predomínio de escravos do sexo feminino. Efeitos da combinação entre mortalidade e alforrias sexualmente diferenciadas? Pode ser.

Mas o Gráfico 2 nos mostra mais. Por meio dele se observa que os escravos idosos (com mais de 40 anos) correspondiam a 31% de toda a escravaria de Vallim, e que as crianças compreendiam apenas 18% da mesma, contra índices de plena inserção no mercado de, respectivamente, 15% e 25%. Provavelmente a enorme participação dos cativos de mais de 40 anos se explique em função de menores graus de manumissões de escravos envelhecidos por parte de plantadores como Vallim após 1850. Afinal, se em última instância a alforria é uma concessão unilateral dos senhores, por que não diminuí-las em um contexto

**Gráfico 2: Estrutura Sexo-Etária (%) dos Escravos da Fazenda do Resgate (1872)**



Fontes: Matrícula de Escravos de 1872 (constante do inventário *post-mortem* de Manuel de Aguiar Vallim, de 1878); Lista Privada de Nascimentos de Escravos de 1856 a 1871; e Livros de Batismos e Matrimônios de Escravos. Todo este material se encontra no Arquivo do Ofício Judicial da Comarca de Bananal; no Arquivo Histórico de Bananal e no Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena (SP).

de escassez relativa de braços cativos, como no Brasil após o fim do tráfico transatlântico? Em segundo lugar, a crer-se que a idade média dos recém introduzidos situava-se ao redor dos 24 anos, então a última grande compra de escravos por Vallim realizada de acordo aos padrões sexuais anteriores a 1850 ocorreu entre os anos de 1852 e 1856, os quais, aos 40-44 anos de idade, representavam quase  $\frac{1}{4}$  dos cativos por então sobreviventes em 1872. Nada menos do que 83% deles eram africanos, havendo três homens para cada mulher. Destes dados infere-se não apenas a participação de Vallim no tráfico ilegal de africanos no imediato pós 1850, como também sua opção, nesta época, pela compra de adultos jovens do sexo masculino em níveis acima do normalmente realizado pelos senhores brasileiros.<sup>6</sup>

Talvez se possa afirmar que o envelhecimento destes homens e mulheres na condição de escravos explique o fato de que, na fazenda do

<sup>6</sup> Sobre a participação de Vallim no tráfico de africanos no imediato pós-1850, cf. Martha Abreu, "O Caso do Bracuhy", in Hebe Castro & Eduardo Schnoor (orgs.), *Resgate: Uma Janela para o Oitocentos*, (Rio de Janeiro, Topbooks, 1995), pp. 165-195.

Resgate, em 1872, cada grupo de 100 escravos aptos a trabalhar alimentasse 19 cativos de mais de 64 anos e entre 0 e 10 anos de idade, quando esta cifra era de 28 para o conjunto de plantéis do agro fluminense em período de incremento do tráfico. Assim, a despeito do envelhecimento do plantel em 1872, a razão de dependência permanecia ainda muito baixa, mas baixa até do que a observada nos plantéis plenamente inseridos no mercado. Ainda que a mortalidade infantil fosse menor entre os cativos brasileiros após 1850, a configuração dos escravos de Vallim, determinada por um peculiar padrão de compras pretéritas, é certamente a principal responsável pelos baixos percentuais de crianças no plantel da fazenda Resgate (18%, comparados aos 25% observados para o agro fluminense), mesmo após 20 anos do fim do tráfico.

Após 1850, Manuel de Aguiar Vallim continuou repondo sua mão-de-obra também através do mercado interno. É o que insinua a procedência de boa parte de seu plantel em 1872: 36% dos 221 cativos entre 15 e 40 anos de idade provinham das províncias do Rio de Janeiro (alguns de suas fazendas localizadas no agro fluminense), Alagoas, Bahia, Ceará, Pernambuco, Goiás, Minas Gerais, e Maranhão. Porém, à diferença do que predominava nas grandes fazendas antes de 1850, os adultos nascidos fora da fazenda do Resgate estavam sexualmente equilibrados. Ainda assim, há indícios de que, em 1872, Vallim estivesse há algum tempo fora do mercado: neste ano, a idade média de sua escravaria era de 31 anos, enquanto a média das idades dos escravos do agro fluminense entre 1810 e 1830 era de 28 anos; e os escravos adultos somavam metade de sua escravaria, contra os 2/3 tradicionalmente detectados para as grandes plantations de antes de 1850 (dentre seus cativos entre 15 e 40 anos que haviam nascido no Nordeste, a média de idade era de 32 anos, o que pode indicar terem sido comprados mais ou menos 8 anos antes de 1872). Há, por fim, estudos que revelam estar o plantel da fazenda Resgate reproduzindo-se basicamente por meio do crescimento natural desde a primeira metade da década de 1860, quando sua fortuna deixou de constituir-se majoritariamente por escravos e terras, estando investida, em 1878, basicamente em títulos da dívida pública.<sup>7</sup>

<sup>7</sup> Cf. João Fragoso & Ana Rios, "Um Empresário Brasileiro no Oitocentos", in Castro & Schnoor, *Resgate: Uma janela*, pp. 197-224.

## **Após cerca de 20 anos de abandono do mercado**

Embora tenha chegado ao seu apogeu como plantador em um período em que o porto do Rio de Janeiro recebia africanos em quantidades jamais vistas, à época do fechamento do inventário *post-mortem* de Pascoal Cosme dos Reis (1852) seus 379 escravos apresentavam uma estrutura sexo-etària que guardava muito pouco do que se poderia esperar de um proprietário plenamente inserido no mercado de escravos. Crianças e adultos, cuja respectiva participação era de 34% e 48%, encontravam-se perfeitamente equilibrados do ponto de vista sexual. Somente entre os escravos idosos (18% da escravaria) os homens superavam as mulheres em uma proporção de dois por um (cf. Gráfico 3).

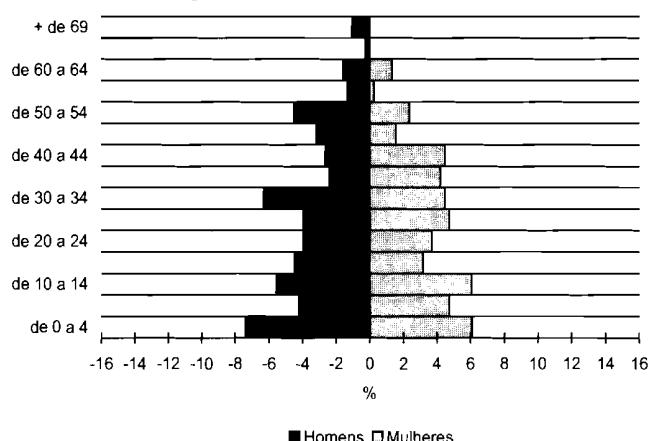
A composição sexual dos escravos de mais de 45 anos, particularmente desequilibrada, leva a crer que Pascoal estivesse reproduzindo o seu plantel sem a sistemática compra de cativos desde aproximadamente o início da década de 1830. Esta observação se reforça diante do baixo índice de africanidade (28%), da baixa participação dos escravos adultos (sugerindo que o plantel crescia graças aos nascimentos) e, principalmente, da grande razão de dependência (111), acima do índice geral para o agro fluminense (30) e muitíssimo maior que a do plantel da fazenda Resgate (19).

É possível que seus escravos continuassem a morrer muito, mas também o é que, mesmo longe do mercado há mais ou menos 20 anos, Pascoal Cosme dos Reis continuasse a alforriar muitos de seus escravos idosos. Por isso, aliás, o índice de cativos com mais de 40 anos de idade do Engenho Novo da Pavuna, em meados do XIX, acompanhava o índice geral do agro fluminense (em torno de 15%) em pleno auge.

## **Após pelo menos 70 anos de abandono do mercado**

Já num primeiro olhar é possível afirmar, por meio do Gráfico 4, que o plantel de escravos da fazenda Chuao há longo tempo estava desvinculado do mercado. Alguns índices desta situação: formado majoritariamente por mulheres (44% é a taxa de masculinidade), apresentava em 1808 grande número de crianças (46% do plantel) e alta razão de dependência (127).

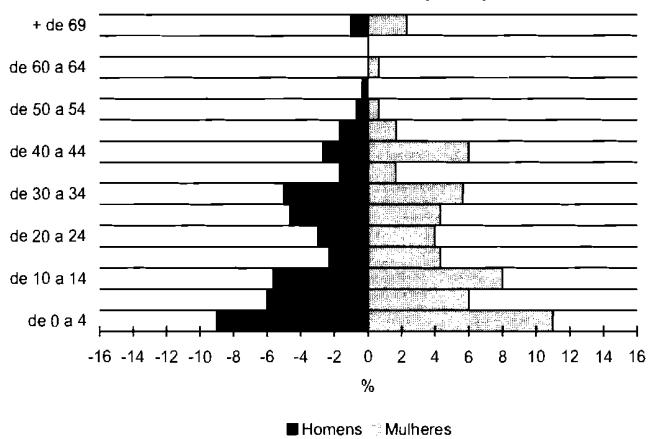
**Gráfico 3: Estrutura Sexo-Etária (%) dos Escravos do Engenho Novo da Pavuna (1852)**



Fonte: Inventário *post-mortem* Pascoal Cosme dos Reis, 1850-1852, Arquivo Nacional (RJ).

Federico Brito Figueroa nos informa que desde a segunda metade do século XVII praticamente cessaram as compras de africanos, e que, no século XVIII, a massa escrava da Fazenda Chuao se incrementa em função de um lento movimento vegetativo e da aquisição de crioulos no mercado interno, ainda que ocorressem esporádicas compras de africanos. Além disso, desde que se tornou Obra Pia a propriedade conheceu um longo período de retração econômica, a qual se estendeu até o século XIX. Esta última observação tende a dar peso à idéia de que o afastamento do mercado interno de escravos (ou pelo menos o início de uma prática de compras muito esporádicas) remeta pelo menos ao segundo quartel do século XVIII. Prova-o um relatório de 1742, o qual informava ao Patronato responsável pela fazenda que grande parte de sua principal riqueza, o cacau, estava tomado por pragas, e que ao longo dos últimos dez anos havia secado um grande número de árvores deste fruto, as quais serviam, por então, somente para combustível. O inventário dos 142 escravos existentes na fazenda neste ano de 1742 mostra que a participação infantil, de adultos e de idosos chegava, respectivamente, a 45%, 42% e 13%, com equilíbrio sexual em todas estas gran-

**Gráfico 4: Estrutura Sexo-Etária (%) dos Escravos da Fazenda do Chuao (1808)**



Fonte: Figueroa, Federico Brito, *El Problema Tierra y Esclavos en la Historia de Venezuela*, Caracas, Universidad Central de Venezuela, 1996, pp. 101-102, 106-109 e 119-128.

des faixas etárias (a taxa geral de masculinidade era de 49%). Pode-se, pois, postular que a fazenda do Chuao estivesse fora do mercado de escravos talvez há 70 ou 80 anos antes de 1808.<sup>8</sup>

O perfil do Chuao, em 1808, é portanto fruto do crescimento natural da escravaria (revelando uma alta natalidade), sobre o qual atuam, de forma combinada, grande mortalidade (sobretudo infantil) e manumissões (especialmente de escravos idosos). Há ainda o efeito de fenômenos conjunturais, como a revolta que envolveu alforriados e escravos em 1771, da qual derivou a fuga de 34 cativos e, após o controle da sublevação, a venda de 24 revoltosos — por então, homens jovens em sua maioria, alguns ligados por laços parentais.<sup>9</sup> Os efeitos demográficos destes desdobramentos estão expressos nas faixas etárias superiores a 55 anos.

<sup>8</sup> Em 1659, quando a fazenda do Chuao ainda não estava incorporada à Igreja Católica, os homens representavam 67% dos escravos de mais de 15 anos, os quais, por sua vez, constituíam 72% dos 102 cativos. É importante ressaltar ainda que, por então, apenas 5 adultos haviam nascido na Venezuela. Havia 14 meninos e 15 meninas. Cf. Figueroa, *El problema Tierra*, p. 100.

<sup>9</sup> Cf. Figueroa, *El problema Tierra*, pp. 117-119.

## A família escrava e o afastamento do mercado

Afirma-se que após a interrupção do tráfico atlântico, os plantéis escravistas tenderiam a longo prazo a apresentar maior equilíbrio entre os sexos e redução relativa da população adulta. A vida útil dos cativos seria prolongada, à custa, é claro, de menores ganhos para os senhores, do que se esperaria uma maior participação dos idosos. Os índices de sobrevivência dos recém-nascidos também teriam crescido.<sup>10</sup> Tais mudanças se traduziriam, deste modo, na dilatação das potencialidades autoreprodutoras dos escravos, em maiores taxas de dependência, e, por fim, na maior incidência de famílias escravas. A crer-se em tal raciocínio, ao rompimento com o mercado em geral, e não apenas com o de africanos, deveria suceder a exacerbção destas mudanças. Estas, obviamente, se dariam a ritmos tanto mais intensos quanto maior fosse o tempo que os senhores tivessem deixado de comprar e vender cativos. Trata-se de um raciocínio meramente dedutivo, cuja pertinência deve ser posta à prova.

Na verdade, algumas tendências latentes quando da plena inserção dos plantéis no mercado simplesmente se reafirmarão a partir do abandono do mesmo. Referimo-nos, por exemplo, ao sentimento de pertencer a uma família escrava, o qual, mesmo em momentos de plena inserção, tendia a ultrapassar o núcleo formado pelos pais e irmãos.

Viu-se, em estudo recente, através de processos-crime, que as relações consensuais entre os casais cativos podiam extrapolar mero e eventual encontro entre amantes: as relações não legitimadas pela Igreja nem por isso eram menos fortes e regradas do que as que contavam com o beneplácito eclesiástico, devendo, pois, ser por todos respeitadas.<sup>11</sup> Por outro lado, um filicídio ocorrido em Campos (RJ), em 1847, permitiu reter os elementos que ajudavam a estabelecer, ainda em plena vigência do tráfico de africanos para o Brasil, as fronteiras da família. Eram atores do drama, dependendo da posição de ego, irmãos, filhos, netos, mães, pai, tia, sobrinhos, esposo, esposa, nora, sogra e avó – relações consangüíneas, matrimoniais e derivadas, congregando três gera-

<sup>10</sup> Caio Prado Jr., *Formação do Brasil Contemporâneo*, São Paulo, Brasiliense, 1981, p. 277.

<sup>11</sup> Florentino & Góes, *A Paz*, parte 2.

ções de indivíduos que se reconheciam e reproduziam quotidianamente seus laços familiares. Havia um amplo reconhecimento social destes laços, especialmente os de base consangüínea, inclusive pelos que, escravos ou livres, não faziam parte do grupo. A força das ligações familiares era tal que transbordava a condição jurídica daqueles diretamente envolvidos — havia familiares escravos e libertos —, além de subverter o espaço onde se desenrolava o dia-a-dia do escravo rural.<sup>12</sup>

As práticas nominativas dos escravos das fazendas Resgate, Engenho Novo e Chuao mostram que tais configurações estavam presentes a despeito dos diferentes graus de afastamento do mercado.<sup>13</sup> Em 1808, no Chuao, a própria disposição das senzalas não era aleatória, pois tendia a tornar vizinhos escravos já unidos por laços parentais de variados graus (irmãos, primos, etc). Alguns libertos continuavam a viver na fazenda em companhia de seus parentes escravizados, do mesmo modo que laços matrimoniais uniam escravos do Chuao a cativos de outras fazendas. O cruzamento da listagem de escravos daquele ano, com duas outras, de 1742 e 1671, mostrou que as raízes de pequenos grupos familiares por vezes iam até o século XVII. As práticas nominativas tendiam a unir netos a avós, sobrinhos a tios e, mesmo, sobrinhos-netos presentes em 1808 a tios-avós nascidos na primeira metade do século XVIII. No Engenho Novo, por sua vez, até onde pudemos reconstituir, os nomes não apenas uniam tios e sobrinhos, como também reiteradas vezes tendiam a perpetuar a memória de filhos mortos.

Na Resgate, o cruzamento de documentos diversos permitiu perceber, melhor do que nos casos anteriores, as fronteiras das famílias através dos nomes. Havia, de início, uma memória genealógica, condição imprescindível à transmissão generacional de signos culturais criados e recriados no interior da família escrava. De um universo de 568

<sup>12</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>13</sup> Se algo distingue uma pessoa de outra em todas as sociedades conhecidas, este algo é o seu nome. Por outro lado, não é necessariamente aleatório o fato de nomear-se os filhos de tal modo e não de outro. Por isto, o nome dado a um indivíduo pode assumir em todas as sociedades o papel de inestimável evidência histórica, que freqüentemente resumem experiências pessoais, acontecimentos importantes, visões de mundo, idéias e valores culturais. Cf. Carlo Ginzburg, *A Micro-História e Outros Ensaios*, Lisboa, DIFEL, 1991, p. 174; e Herbert G. Gutman, *The Black Family in Slavery and Freedom, 1750-1925*, New York, Vintage, 1976, p. 185 e sgts.

nomes de filhos escravos e de seus parentes ainda escravizados, libertos ou falecidos, 67 (12%) eram iguais aos dos próprios irmãos, dos pais, dos tios, dos avós, dos sobrinhos, primos e, mesmo, dos maridos das tias. A nomeação revela, ainda, que a família escrava se abria, incorporando os mortos: um em cada quatro filhos aos quais se atribuía nomes de parentes homenageava parentes mortos. Abria-se também para reunir os não-escravos, subvertendo o estatuto jurídico da escravidão: um em cada quatro filhos vivos recebia o nome de parentes alforriados.<sup>14</sup>

Definidos os limites até onde podia se estender o sentimento de pertencer a um grupo familiar, os dados permitem ainda destacar terem sido altíssimos os índices de escravos aparentados em plantéis afastados do mercado de escravos há pelo menos 10 anos. Deste modo, possuíam parentes, com certeza, 94,0% da escravaria de uma fazenda longe do mercado há mais ou menos 10 anos (*Resgate*), 96,0% dos cativos pertencentes a um plantel afastado há cerca de 20 anos (*Engenho Novo*), e todos aqueles que viviam na Fazenda do Chuao, cujos vínculos com o mercado de escravos eram insignificantes há pelo menos meio século.<sup>15</sup>

Já vimos que certo tipo de raciocínio tenderia a tomar como presumíveis altos graus de escravos aparentados em plantéis apartados do mercado de cativos. Na base de tal movimento estaria um dado demográfico — o maior equilíbrio entre os sexos —, e uma determinada razoabilidade econômica que, buscando maximizar os lucros em um contexto de mão de obra cativa escassa, buscaria alargar a vida útil dos escravos, aumentar os índices de sobrevivência dos recém-nascidos e, por conseguinte, propiciar a dilatação das potencialidades auto-reprodutoras dos escravos.

Os casos do *Resgate*, do *Engenho Novo* e do *Chuao* mostram que, indubitavelmente, ao abandono do mercado corresponderia o rápido aparecimento de melhores condições para o incremento de relações familiares, seja através dos matrimônios, seja por meio de laços consanguíneos. Afinal, em cerca de 10 anos parcela expressiva dos adultos sobreviventes passaria à faixa dos idosos (transferindo para esta o de-

<sup>14</sup> Manolo Florentino e José Roberto Góes, “Parentesco e Família entre os Escravos de Vallim”, in Castro & Schnoor, *Resgate: Uma janela*, pp. 139-164.

<sup>15</sup> Cf. apêndice e Figueroa, *El Problema Tierra*, p. 129.

sequilíbrio sexual predominante entre eles), ao mesmo tempo em que parte também substancial das crianças sobreviventes se veria alçada à condição de adultos. Estes, portanto, teriam reduzidas não apenas a sua antes extremada participação relativa no conjunto da escravaria, como também seriam cada vez mais equilibradas as suas taxas de masculinidade. Por conseguinte, ao menos em tese, passariam a ser maiores as possibilidades dos homens encontrarem parceiras e, mediante casamentos, incrementarem o número crianças. Contudo, a melhoria das condições estritamente demográficas para o incremento dos laços parentais não necessariamente significava que estes se concretizassem. Os escravos deveriam querer estabelecer laços familiares e, mais do que isto, deveriam encontrar instrumentos culturais para fazê-lo.<sup>16</sup>

Há que se destacar, igualmente, que após pelo menos 10 anos longe do mercado de escravos, os plantéis apresentavam baixíssimos percentuais de famílias constituídas fora da norma. Assim, as famílias matrifocais, formadas por mães solteiras e seus rebentos, representavam cerca de 5,0% dos agrupamentos familiares presentes no Resgate e no Engenho Novo, e apenas 2,0% das famílias do Chuaó; delas participavam entre 1,0% e 3,0% dos cativos parentados (cf. Tabelas 1 e 2).

De algum modo, pois, quando do afastamento do mercado, os grupos familiares tendiam a se constituir buscando o sancionamento eclesiástico, configurando, ao final, não apenas a maioria das famílias, mas também abarcando a maior parte dos parentes. Observe-se que tal padrão não se relaciona diretamente com o fato de tratarem-se de plantéis pertencentes ou não à Igreja. A explicar este movimento pode estar o fato de que o afastamento permitia a plena estabilização de dispositivos (no caso, o matrimônio legal) através dos quais a escravidão buscava integrar os cativos a si. O que nossas fontes mostram é que o dispositivo do matrimônio estava mais preparado para funcionar adequadamente quando cessava a contínua introdução, pelo mercado, de homens e mulheres em princípio desarraigados. E isto pura e simplesmente porque regravava os homens escravizados, apartando-os na anomia.

---

<sup>16</sup> Sobre os instrumentos culturais para a realização da família escrava cf. Florentino & Góes, *A Paz*, parte 3.

**Tabela 1: Distribuição das Famílias Escravas de Acordo aos seus Tipos nas Fazendas do Chuao (1808), Resgate (1872) e Engenho Novo (1852)**

<b>Tipos de agrupamentos familiares</b>	<b>Chuao (a)</b>		<b>Engenho Novo (b)</b>		<b>Resgate (c)</b>	
	<b>F</b>	<b>%</b>	<b>F</b>	<b>%</b>	<b>F</b>	<b>%</b>
1. Casais com filhos	25	51.0	41	39.4	28	23.9
2. Casais sem filhos	1	2.0	15	14.4	41	35.0
3. Viúvas com filhos	-	-	4	3.9	-	-
4. Viúvos com filhos	-	-	8	7.7	-	-
5. Viúvos e viúvas com filhos (3 + 4)	-	-	12	11.5	-	-
6. Viúvos e viúvas sós	-	-	20	19.2	13	11.1
7. Nucleares (soma das linhas de 1 a 6)	26	53.0	88	84.6	82	70.0
8. Extensas	21	42.9	11	10.6	29	24.8
9. Fraternas	1	2.0	-	-	-	-
10. Matrifocais	1	2.0	5	4.8	6	5.2
Total	49	100	104	100	117	100

(a) Embora houvesse 62 famílias em 1808, somente pudemos definir a natureza dos laços que uniam parentes em 49 delas; fonte: Figueroa, Federico Brito, *El Problema Tierra y Esclavos en la Historia de Venezuela*, Caracas, Universidad Central de Venezuela, 1996, pp. 101-102, 106-109 e 119-128; (b) Inventário *post-mortem* Pascoal Cosme dos Reis, 1850-1852, Arquivo Nacional (RJ); (c) Matricula de Escravos de 1872 constante do inventário *post-mortem* de Manuel de Aguiar Vallim, de 1878; Lista Privada de Nascimentos de Escravos de 1856 a 1871; e Livros de Batismos e Matrimônios de Escravos — todo este material se encontra no Arquivo do Ofício Judicial da Comarca de Bananal; no Arquivo Histórico de Bananal e no Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena (SP).

**Tabela 2:Distribuição dos Escravos por Tipos de Famílias Escravas nas Fazendas do Chuao (1808), Resgate (1872) e Engenho Novo (1852)**

<b>Tipos de Agrupamentos Familiares</b>	<b>Chuao (a)</b>		<b>Engenho Novo (b)</b>		<b>Resgate (c)</b>	
	<b>Número de Parentes</b>	<b>%</b>	<b>Número de Parentes</b>	<b>%</b>	<b>Número de Parentes</b>	<b>%</b>
1. Casais com filhos	116	38.7	187	49.3	94	21.6
2. Casais sem filhos	2	0.7	30	7.9	82	18.8
3. Viúvas com filhos	-	-	14	3.7	-	-
4. Viúvos com filhos	-	-	24	6.3	-	-
5. Viúvos e viúvas com filhos (soma das linhas 3 e 4)	-	-	38	10.0	-	-
6. Viúvos e viúvas sós	-	-	20	5.3	13	3.0
7. Nucleares (soma das linhas de 1 a 6)	118	39.3	275	72.6	189	43.4
8. Extensa	132	44.0	77	20.3	208	47.7
9. Fraternas	2	0.7	-	-	-	-
10. Matrifocais	2	0.7	11	2.9	13	3.0
11. Indeterminadas e/ou solitários	46	15.3	16	4.2	26	-
Total	300	100	379	100	436	100

(a) Embora todos os 300 escravos do Chuao estivessem agregados a famílias, para 46 deles não pudemos determinar a natureza dos laços que os unia a parentes; Federico Brito Figueroa, *El Problema Tierra y Esclavos en la Historia de Venezuela*, Caracas, Universidad Central de Venezuela, 1996, pp. 101-102, 106-109 e 119-128; (b) Inventário *post-mortem* Pascoal Cosme dos Reis, 1850-1852, Arquivo Nacional (RJ); (c) Matrícula de Escravos de 1872 (constante do inventário *post-mortem* de Manuel de Aguiar Vallim, de 1878); Lista Privada de Nascimentos de Escravos de 1856 a 1871; e Livros de Batismos e Matrimônios de Escravos – todo este material se encontra no Arquivo do Ofício Judicial da Comarca de Bananal; no Arquivo Histórico de Bananal e no Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena (SP).

As Tabelas 1 e 2 ensejam ainda um outro tipo de discussão. De acordo à maneira como temos raciocinado, o abandono do mercado, ao determinar o fim da entrada de cativos em princípio solitários, deveria propiciar que as famílias escravas assumissem, com o passar do tempo, configurações extensas, isto é, fazendo aparecer e ao mesmo tempo sedimentando relações que ultrapassassem os grupos primários formados por pais e filhos.

Os percentuais de famílias extensas são congruentes com esta perspectiva nos casos do Resgate (10 anos de afastamento) e do Chuao (70 anos). Os arranjos extensos entre os escravos de Vallim correspondem a 25% de todos os seus agrupamentos familiares, cifra que, para o Chuao chega a 43%. O índice observado para o Engenho Novo da Pavuna (10%), no entanto, não acompanha o tempo de abandono do mercado, já que, com 20 anos sem comprar escravos, a freqüência de famílias extensas de Pascoal Cosme dos Reis deveria, de fato, ser menor do que no Chuao, mas nunca inferior àquela encontrada para o Resgate. Como explicá-lo?

Podemos imaginar que em qualquer plantel de escravos, a freqüência de idosos tendia a ser pequena pela combinação de um duplo movimento: era reduzidíssimo o comércio de escravos com mais de 40 anos, ao mesmo tempo em que era alta a mortalidade. É plausível pensar, no entanto, que os velhos escravos, embora minoritários frente ao conjunto dos cativos, estivessem majoritariamente parentados e que pertencessem principalmente a arranjos extensos. A crer-se em tal perspectiva, o percentual de famílias extensas no Resgate seria anormalmente alto, dado que tributário de uma também não usual participação de escravos idosos entre os seus cativos. Do mesmo modo, o índice de arranjos extensivos no Engenho Novo seria anormalmente baixo, dado que, ali, a porcentagem de velhos (19%) estava bastante próxima daquela predominante em plantéis plenamente inseridos no mercado (15%). Talvez padrões diferenciados de alforrias entre Pascoal Cosme dos Reis e Manuel de Aguiar Vallim estejam determinando as diferenças de participação de arranjos extensivos em seus plantéis. No entanto, deve ser mais determinante o fato de a maior parte dos idosos da fazenda Resgate ser sobrevivente do grande contingente de escravos adquiridos em

compras pretéritas, enquanto no Engenho Novo, devido ao maior tempo de afastamento do mercado, os sobreviventes dos grupos ali introduzidos por compra tivessem peso percentual menor no contingente de idosos.

A freqüência de escravos idosos na fazenda do Chuao é, dentre as três, a menor (10%), em função dos altos índices de mortalidade e alforria. Tal número deveria indicar que, no plantel venezuelano, a participação de famílias extensas seria ainda mais baixa do que, por exemplo, no Engenho Novo. Não é o que ocorre, porém, e, ali, os arranjos extensivos compõem quase metade das famílias existentes. Um paradoxo?

De modo algum, pois, a explicá-lo pode estar o próprio tempo que a fazenda do Chuao se encontrava apartada do mercado. Na fazenda venezuelana, as alforrias, por certo muito freqüentes, não necessariamente descaracterizavam os arranjos extensivos a ponto de transformá-los, por exemplo, em meras famílias nucleares. Isto porque o próprio tempo de afastamento do mercado fazia com que a natureza das famílias extensas do Chuao não estivesse determinada principalmente pela presença de velhos aparentados. Dito de outro modo, ali, mais do que nos outros plantéis, um grupo familiar extenso era também composto por parentes que, embora pertencessem à mesma geração, ultrapassavam os limites do grupo primário constituído por pais e filhos. Nos referimos, por exemplo, à convivência de irmãos casados e suas proles.

## Conclusões

Quando se observa as três pirâmides sexo-etárias dos plantéis aqui estudados — e lendo-as como fotografias da condição de um plantel em diferentes momentos do processo de afastamento do mercado — seria possível captar alguns importantes movimentos de natureza demográfica: tendência lenta, porém persistente, de queda nas taxas de masculinidade e africanidade, das faixas etárias mais baixas para as mais altas; aumento inicial do peso percentual dos idosos (devido ao padrão pretérito das compras), seguido de sua redução, em função do crescimento persistente do peso percentual de crianças; sensível queda inicial na taxa de dependência (ainda devido ao padrão pretérito das compras), seguida de uma tendência de alta, decorrente do crescimento do peso percentual de crianças.

Do ponto de vista da inserção familiar, tal processo equivaleria ao incremento inicial do peso percentual de indivíduos inseridos em arranjos extensos, seguindo-se uma tendência de queda desse percentual, em favor do aumento do peso percentual de indivíduos inseridos em famílias nucleares, para então a retomada do incremento dos arranjos extensos, apresentando feições cada vez mais complexas, com a presença de arranjos que englobam não apenas avós, pais e filhos, mas também tios-avós e, principalmente, tios, sobrinhos e primos. E mais, com o passar do tempo as famílias tendem a se expressar cada vez mais dentro da norma.

Daí se conclui da importância de se mensurar os diferentes graus de inserção no mercado de cativos dos plantéis utilizados como fontes de estudo sobre família escrava, mesmo em períodos e regiões de intensa dependência com o mercado. Ao significar o fim da contínua entrada de cativos desarraigados do ponto de vista parental, o abandono do mercado cria melhores condições para o aparecimento e afirmação do parentesco, e ainda quando não necessariamente assumam feições de grupos multigeracionais, os arranjos familiares indicam a plena consolidação destes grupos, da qual por certo derivam profundas consequências socioculturais. A família escrava é, pois, o *locus* primordial de contínua produção e reprodução da cultura negra no tempo.

## Apêndice

**Índices demográficos relativos às fazendas do Chuao (1808),  
Engenho Novo da Pavuna (1852) e Resgate (1872)**

Índices	Chuao	Engenho Novo	Resgate
Total de escravos	300	379	436
Africanos	2	107	157
Crioulos	137	272	279
Taxa de africanidade	1.4%	28%	36%
Homens	131	200	258
Mulheres	169	179	178
Taxa de Masculinidade	44%	53%	59%
Infantes, 0-14 anos	137 (46%)	129 (34%)	80 (18%)
Adultos, 15-40 anos	132 (44%)	180 (47%)	221 (51%)
Idosos, + 40 anos	31 (10%)	70 (19%)	135 (31%)
Razão de dependência	1.27	1.11	0.97
Meninos	62	65	45
Meninas	75	64	35
Adultos	56	89	113
Adultas	76	91	108
Idosos	13	46	100
Idosas	18	24	35
Idade média geral	21	25	31
Idade média dos africanos	57	41	46
Idade média dos crioulos	6	20	23